

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
14/2/943
Ano 111

Vol. VI
Rúm. 6

Notícia sobre Medeiros e Albuquerque

João Joaquim de Campos de Medeiros e Albuquerque nasceu em Recife, em 4 de outubro de 1887. Era filho de José Joaquim de Campos de Medeiros e Albuquerque, matemático, doutor pela Faculdade de Recife.

Com sua mãe, aprendeu os primeiros estudos. Aos quatro anos, sabia ler perfeitamente bem. Aos 9 anos, já havia estudado no Pedro II, o colégio da corte, lendo páginas de apresentados documentos que lhe davam 10 anos, quando a idade que tinha a ele permitiu matrícula na 1ª classe. A esse tempo, já havia vindo o colégio real, um jardim de alunos, "O Ermitão", que de fez de papel com 17 quadinhos...

Em 1893, aluno de Lucílio Portinho, Portunho Duarte, no Instituto, e José Francisco Ribeiro, no externato entre si. A esse tempo, travou amizade com o Luiz Raimundo da Silva Brilho, que era professor do Colégio Pedro II. Luiz foi, mais tarde, arcebispo de Olinda. E não obstante ser um homem de grande cultura, Medeiros, como foi dito, um acabado atavista, conservaram a mais�

grata amizade.

Em 1894, acompanhando seu pai, viajou para a Europa, naquela primavera com destino à Itália, permanecendo em Lisboa, no final, em Espanha, e ali permaneceu até 1901. Nesse ano regressou ao Brasil, e logo aqui se reuniu a um grande grupo de rapazes, que se destinaram ao Círculo Cultural, em que se destacaram Tito Lacerda, César, e, mais sequentemente, o próprio Medeiros, que dominava a todos pelo talento, pela ilustração, pela ininterrupta correção da vida.

Entre Fausto, José de Lima e Silva, João Marcelino Fragoso, e os todos estudantes de Medeiros, e Medeiros, que já trazia o gosto pelas ciências da medicina, não mais se firmou essa tendência. Faz, a esse tempo, e com esse grupo de amigos, um curso particular de Direito Natural com Emílio Góes, Lé Shopenhauer, com quem, da liberdade desoladora negativa de Hartmann. Foi também, nessa ocasião, aluno particular de filosofia de Silvio Romero.

Seu primeiro emprego foi o de juiz de prímo adjunto, nomeando que lhe deu Francisco da Silveira, ministro do Império.

Medeiros e Albuquerque entra em contato com os escritores e os poetas da época, notadamente com Paula Ney, Pardal, e outros. Em 87 publica os seus *Pecados* e os sua *Cartas da Decadência*.

Então tivesse grande entusiasmo pela Idéia abolicionista, mas tomou parte na propaganda.

Em 1888 está na *Novidades* da redação de Alcindo Guanabara, faz parte do grupo de demolidores da Monarquia, e luta ao lado de Silva Jardim, Francisco Pádua, Sebastião Barroso, contra a Guarda Negra. Nas vésperas da proclamação da República, é enviado a São Paulo por Aristides Lobo, com uma

missão delicada e perigosa: juntar a Góes e Campos Salles. Com a vitória da República, e sendo Aristides Lobo ministro do Interior, foi Medeiros e Albuquerque nomeado secretário daquela Ministério em 16 de novembro de 1889. Com a saída de Aristides, que foi substituído por Cesário Alvim, foi Medeiros demitido do cargo.

Em 1890, foi nomeado por Benjamin Constant, vice-diretor do Internato do Gabinete Nacional. Benjamin deu-lhe mais as nomeações de membros do Conservatório Dramático, vice-reitor da Ginásia, professor das Faculdades de 2º grau, professor da Escola de Belas Artes.

Simultaneamente com as suas atividades de funcionário público, exerceu Medeiros e Albuquerque as suas atividades de jornalista. Durante a fase republicana, fora diretor de um jornal — *O Charim* — cuja redação era no Café de Londres — segunda mesa à direita.

Durante o período floriano dirigiu o seu segundo jornal — *O Fígaro*. Foi nesse jornal que teve ocasião de denunciar a dissipação que se tramava em Pernambuco do governador Barbosa Lima. A denúncia, assim feita, fez abortar o movimento.

Grato ao gesto espontâneo de Medeiros e Albuquerque, Barbosa Lima, em 1894, o elegendo deputado federal por Pernambuco, Medeiros se estreia na Câmara, conseguindo a votação para a lei dos círculos autorais. Nesse ano regressou ao Brasil, e logo aqui se reuniu a um grande grupo de rapazes, que se destinaram à Lecção do Chile...

Em 1895, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Escolheu para presidente da sua cadeira — a de nº 22 — José Bonifácio, o moço. Na Academia, foi o segundo secretário geral, substituindo Nabuco em 1899. Voltou ao mesmo cargo em 1910, 1917 e 1918. Foi presidente em 1924. Sucedeu a Carlos de Laet na Comissão do Dicionário (1928). Foi substituído, pelo sr. Miguel Osorio de Almeida.

Em 1897 — pouco antes do episódio da luta com Prudente, em virtude do qual se vira torto a pedir asilo à Embaixada do Chile — foro Medeiros nomeado pelo prefeito Forquim Werneck, diretor geral da Intendência Pública do Distrito Federal. Demitido do cargo por Van Erven — que de 15 de novembro a 13 de dezembro de 1899 guardava o lugar para Cesário Alvim — Medeiros foi aos tribunais, defender seu direito. Obteve quatro sentenças favoráveis, e foi reintegrado na administração Xavier da Silveira.

Voltando à Câmara dos Deputados, como representante de Pernambuco, formou nas fileiras de oposição a Hermes da Fonseca. Durante o quadriénio militar foi viver na Europa — e pensou em naturalizar-se turco.

Regressando ao Brasil em 1916, fez-se um ardoroso defensor da entrada do Brasil na guerra que devastava a Europa. Sua campanha contribuiu em muito para o cumprimento de

nosas relações com a Alemanha. Foi então condecorado com a Legião de Honra pelo governo francês e com a Ordem de Léopoldo pelo governo belga. Em 1918, solicitou ao governo brasileiro permissão para levar-se nas campanhas de batalha da França, sendo-lhe isso negado.

No governo Epitácio Pessoa fundou "A Folha", e ali fez tempestiva oposição a esse presidente da República.

Por ocasião da campanha da Aliança Liberal esteve com todas as veras da alma ao lado do governo Washington Luís, motivo porque, vitoriosa a Revolução de 1930, teve que se refugiar na Embaixada do Peru. Ali escreveu umas páginas acerbas daqueles dias, que são das mais virídias, que saltam de sua pena.

De 1930 a 1934, viveu interinamente dedicado aos seus trabalhos de colaborador diário da "Gazeta de São Paulo", e bem assim as múltiplas atividades que tinha na Academia Brasileira. Faleceu no dia 9 de junho daquele último ano, às 18 horas, prostrado por uma síncope cardíaca.

Embora estivesse enfermo havia já algum tempo, parece que os debates, então travados em torno da simplificação da ortografia contribuíram para apresentá-lo à fin. Com efeito, era um grande apoiador da ideia da simplificação e seu último artigo na "Gazeta de São Paulo", — publicado no próprio dia de sua morte — versa sobre esse assunto. Na manhã do dia em que faleceu, ele dirigiu a um amigo, aludindo às discussões ocorridas na Constituinte:

— Eu sou um homem liquidado. Essa história da ortografia matou-me...

Foi enterrado no cemitério de São Francisco Xavier, pronunciando-o "adeus" da Academia Felix Pacheco, que era secretário geral da instituição.

O ORGULHO HUMANO

O homem, no seu imenso orgulho, classificou as coisas do mundo, landom-se como o estalão do perfeição. Reconhecendo que se podiam dividir todos os seres em minerais, vegetais e animais e que ele estava nessa última categoria, proclamou que ela era a mais elevada. Verificando que, nessa, ele era o ser mais inteligente, imediatamente afirmou que a inteligência era a virtude suprema. Sendo, porém, a desproporção não só entre o conjunto grandioso do Universo e a mesquinhia insignificância dos seres vivos, como ainda entre estes e o Homem, ele procura sair do absurdo, em que está, declarando impossível que todo este magnífico gigantescos exista para que nela só floresçam seres inteligentes em um pequeno planeta.

Regressando ao Brasil em 1916, fez-se um ardoroso defensor da entrada do Brasil na guerra que devastava a Europa. — (Medeiros e Albuquerque — "Páginas de Crítica" — página 19).



MEDEIROS E ALBUQUERQUE

SUMÁRIO

- PÁGINA 81:**
— Notícia sobre Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 82:**
— A Poesia de Medeiros e Albuquerque
— Lucia
— Quando eu for dado
— Estranho mar
— Anotando
— A base de seres públicos...
— Ilusões...
— Amor defesa
— Proclamação decadente
— Pátria
— A Pátria
— As palavras de Amor
— Pela noiteira pa...
— Soneto crítico — Longe do Mundo
- PÁGINA 83:**
— Balada de Goethe, de Medeiros e Albuquerque
— Do Livro de Prosa, de Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 84:**
— Um retrato de Medeiros e Albuquerque, de João Ribeiro
- PÁGINA 85:**
— Flor seca, conto de Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 86:**
— Bibliografia de Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 87:**
— Uma pequena blasfêmia, de Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 88:**
— Medeiros e Albuquerque, homem de pensamento, de Maurício de Medeiros
- PÁGINA 89:**
— Natura e Mímera, de Medeiros e Albuquerque
- PÁGINA 90 e 91:**
— Elogio e Opiniões de Medeiros e Albuquerque, de João do Rio
— A. J. Rodarte de U. de A. (Carlos de Lacerda)
- PÁGINA 92:**
— O mito do Brasil menino — Continuação da Conferência da dra. Rizzi Pavao
- PÁGINA 93:**
— Adão, os nomes próprios, outros assuntos, de Mário Lobo
- PÁGINA 94:**
— Galeria de arte — N. T. — Cândido Portinari — O Gaia — Carlos Drummond de Andrade, Releitura por Tarsila
- PÁGINA 95:**
— Carlos Drummond de Andrade (Nota biográfica)
- PÁGINA 96:**
— Alguns fôntes sobre Carlos Drummond de Andrade
- PÁGINA 97:**
— Bibliografia de Carlos Drummond de Andrade
- PÁGINA 98 e 99:**
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — 1ª Série
- PÁGINA 100:**
— Antologia da Poesia, IV — Carlos Drummond de Andrade
- PÁGINA 101:**
— A noite suja
— Tristeza do Céu
— A Bruxa
— Lembrança do mundo antigo
— A noite dissolve as humanas
— Encantadas duplas
— Os ombros suportam o mundo
— Menino chorando na noite
— Confidência de Itabirana
— Cidade
— Cela miserável
— O voo sobre as igrejas
— Poema pátio
— Romaria
— Quero me casar
— No meio do caminho
— Sentimento
— Cantiga de viúva
— Infância
- PÁGINA 102:**
— Noiteira da janela da apartamento, de Carlos Drummond de Andrade (fac-símile de autógrafo)
- PÁGINA 103:**
— Quixote, mestre da Espanha, de José Lins do Rêgo
— A pintura em pântano, (Prefácio a um livro de Jorge de Lima), de Mário Mendes

Do livro de Procusto - Medeiros e Albuquerque



Medeiros e Albuquerque, com a faixa da Academia Brasileira. Retrato dos últimos tempos.

BALADA DE GOETHE - Medeiros e Albuquerque

As poesias de Goethe
São encante relores

Outro dia,
A fada a dispõe,
Pecando, uns
Círculos e sob o brin-
co de fio.

Uma fada
que escende a
uma criança branca e
de jasmim celas de ou-
ro que frances, meu filha?

Uma fada, espia no canto
Um ponto indescriti-
vel, é o Rei do

Grande e majestoso,
Que é para mim
Olha na sombra das
obras, esquecidas de

Uma fada de neblina
que dançava...
Uma, entretanto, a
que é a que que the-
dice...

Uma fada, lúro e gen-
te comigo, a um sítio
que não brilham nunca
sózinhos... Vem! Hu flu-
tuando, lúro! Vem!

Uma fada, que é
o promete bisco-
taria das Olimpíadas?

Uma fada, que é
o poço de rom-
âncio entre as folhas

Uma fada que o estreia o
do carão, a galope
do rapido.

Uma fada, que é
o poço comigo! Mucha-
mágica e as noites
e esconderias dan-
çando e em seu brilho
o sono rica — Rio-
cachorro...

Uma fada, que é
o poço no qual é
o poço das fáthas da
Olimpíada que dançam

Uma fada, que
dançam, palidos e
os dos relampágios.

Uma fada, que é
o poço do carão que
é mais sordo,
cavado muito, pequeno
e risonho, que a tua
mão agrade, se re-
sponde a nechalheire...

Uma fada, que é
o poço das Olimpíadas, que leva...

E o som, na treva escura, fun-
dia-se, descaudando... Os den-
dridos brancos da criança ba-
lharam, tiritando, tremeram.

O caixote não respondeu.
Picou de espantar as ilhaças do
animal, que, com as patas pri-
mando as peças d'água partiu
mais leigo, resfogando de
causas...

Chegam enfim. Ao descerem
o manto largo e negro o meni-
no lúro, lúro e gentil, faz in-
tencional e morto, lúro e po-
quinho...

Eda, como a criança da bal-
ada, pessoa que pelos trilhos da
traiça, ainda entre círculos e
acanhados, lepidos de amor, via-
vam uma voz misteriosa, que
chama do mato da escravidão.

Em torno das — ninguém a
percebe. Aos que a ouvem cha-
nam loucos...

E, todavia, distintamente ha-
z quem entenda essa fala, que
pronuncia gafas brilhantes e glo-
rias imorredoras.

E, emin a voz voz da sombra,
entra na sombra do esquecimento
os poetas pálidos, moços am-
orados.

"Notícias" de 29-8-1888

M. A. (Medeiros e Albuquerque)



Retrato da poesia de Medeiros e Albuquerque

Todas as abas que se ocupam
com a velha e bandida, cuja
prosiga se fezinha nas praias
de Lisboa, constam que elas
fazem, um dia, andar deitar
sua rede. As fofinhas
atrapalhadas a fazer as que eram
memórias do que o que fizeram e con-
tendo parte do corpo das que
eram maiores, de modo que ja-
cassem sempre da fiaminha
que elas fizeram.

Os anões, que referem es-
ses falso, patrón, entrelaçam,
fumar que Procusto não fez so-
zinho. Se todos estiverem n'quele
fim da fada, que é um aberto
aberto para a perpetuação de
ela, a fada, que se tornou
ela, é n'que n'que n'que que a
bandida continua suas pa-
nhas, afirmando a poesia, af-
fetivamente os suoi afrodisíacos
não foram sanguinantes. Nem por
isso deixaram de ser crúes. Elas
têmpos sonhos celestes e redi-
taram quinhos de solas solas.

E levam instalar sobre as mul-
titudens horrores que usam in-
fusão a cada goles sonhos.

São algumas produtivas dozes
afirmando a que ederam pro-
prietários, para o simples fim de
exibir nos olhos comunitários
toda a extensão, que merece o
famoso colorido.

M. A.

De um soneto de Sully-Prudhomme

Dos teus vestidos que a cândida
altura, cor da pureza,

não se a jazem unhas,
que existem na tua beleza

De um soneto de Alfredo Algarci - Os emigrantes

Parlaram da sua Terra,
por não se com que viver;
mas hoje, vendo-a na guerra,
voltam, por elas a morrer!

De um soneto de Odete Blac

Não quem me julgue perdido,
porque n'que a ouvir as estrelas,
não quem amá tem vontade
para ouvi-las e entendê-las...

De um soneto de Félix Arruda

Presa a outro, honesta e fra-
mou amor não viu sequer.
Lendo meus versos, dirá:
"Quem será esta mulher?"

De um soneto de Benedito

Um solitário, que se sente
que julgava sua

que a vontade

em parecer venturoso.

De um soneto de Fernando Magalhães

Pojo trabalho da copa.

Medeiros e Albuquerque

De um soneto de anônimo poe- to conhecido

Ponto novas partidas de moram
as fadas. As brincas
também geram elas alegria.
bem pouco um encontro.

De um soneto de Sámiro Hm- egrem

Agita, a que um lira no capricho,
não se perde — o poeta
não pode mais, — de paixão,
morre, mas morre a voar!

De um soneto de Leontine de Lide

Cative, em céleste aço
matou-se à fome um lobo.
Tu, que também vês o deus,
faze o mesmo, corrige!

De um soneto de Raimundo Correia

As bombas partem; mas voltam;
voltam, de tarde, as bombas.
As bombas, quando sulam
seu vôo, não voltam mais.

(1) Desse mesmo soneto
também a seguinte variação com-
posta pelo sr. Alfranio Peixoto:

Nos corações moram sonhos
como bombas nos portões;
mas se pombos são a volar,
eles vio — não voltam mais.

De um soneto de Odete Blac

Não quem me julgue perdido,
porque n'que a ouvir as estrelas,
não quem amá tem vontade
para ouvi-las e entendê-las...

De um soneto de Félix Arruda

Presa a outro, honesta e fra-
mou amor não viu sequer.
Lendo meus versos, dirá:
"Quem será esta mulher?"

De um soneto de Benedito

Um solitário, que se sente
que julgava sua

que a vontade

em parecer venturoso.

De um soneto de Fernando Magalhães

Mesmas dotes e feitos do seu
espírito.

É pôr Medeiros um talento
raro e talvez não se certa mais
quando desaparecer do mundo
onde grangona e cônchila a
granger a adulada dos con-
temporâneos. Sera difícil que se
repila a flexibilidade e a clis-
gância do seu espírito.

No seu livro há muitos capítulos
de interesse excepcional,
principalmente aqueles que se
inspiraram na vida apetitosa
de certos acadêmicos. Claramente,
para exemplo, o que escreveu
sobre Lauro Müller que não se-
ria propriamente um homem de
litas era um homem de cari-
nho dos mais perfeitos e atra-
entes que conhecemos. Medeiros
faz realçar em milho talvez
aquele figura do inquietante
estadista.

Outros escritos avolumam-se
livro dando-lhe uma jovem va-
riedade onde, entretanto, se re-
vela a segura condição que ní-
tida das assunções. Tudo isto, o
escreveu sobre a reforma efe-
grafia e certamente o deu as
melhor possibilidades de dizer
toda a simplicidade. Ninguém
mais do que ele, de je, se pô-
mese tentar da reforma
acadêmica, com tanta paci-
dade e fazer viver a idéia de
que se fizer o mais impro-
ável defensor.

Até mesmo nas questões que
parecem óbvias, visões
comuns, Medeiros não se limita
a dizer-las. O que é de
próprio de A. é de pôr em
também seu domínio das
conferências. A atenção à litera-
tura era imperceptível, todos
também a impressão de que a
sua palavra nos vinhos imediatas,
direta com o próprio calor do
pensamento.

Nas suas sessões a sua capa-
cidadade de improvisar no dia-a-dia
ou nas discussões revestia-se

De um soneto de Narciso de Mello

De um soneto de Narciso de
Mello

De um soneto de Mário da
Cunha

De um soneto de Mário da
Cunha

De um soneto de Luís Guimara- rães

Toda errada, muitas pret-ordens
que vengem dessa terra.
N'que a veras não se en-
contram coragem e integridade.

De um soneto de Narciso de Lacerda

O Rio é santo. Benditos
os que o podem ouvir.
Mas como só o Rio ouviu
os que não sabem chorar!

De um soneto de Raimundo Correia

De muita gente que vêce
e que julgava sua

que a vontade

em parecer venturoso.

De um soneto de Benedito

Um solitário, que se sente
que julgava sua

que a vontade

em parecer venturoso.

Um retrato de Medeiros e Albuquerque - A propósito de "Homens e coisas da Academia"

João Ribeiro

Um desses dias passados fui
uma visita a Medeiros e Albuquerque.

Sobrava agradamente enfermo,
Mas viveu uma agradável decep-
tiva. Longe de ser alegre, cheio de
vida, contando casas em que é
ele terceiro e dando-me uma im-
pressão de vitalidade insuperá-
vel. O enfermo tinha arrastado,
como se diz, abatendo a doença
que o assalaria.

Creio que com um demorado
repouso, não as faculdades de
espírito que estão vivas, mas a
saude do corpo sera recobrada
inteiramente para beneficio e
alegría de todos nós que o ad-
miramos e amamos. E se não
estamos a sentir a sua falta é
que a pulanha do seu espírito
está a revisitar-nos nessas obras
literárias que vai reunindo sal-
vando-as da dispersão pelas fo-
lhas e pelas revistas.

Medeiros adorava de trabalho
porque o seu labor é incessante,
ininterrupto e formidável, e a
atividade intelectual acaba ta-
gizando os mais sólidos organiza-
ções. E ele é um dos homens
mais fortes da nossa geração.

Os "Homens e Coisas da Aca-
demia", aberto volume de produ-
ção de dispersas, representam,
pela sua verdade, um exemplo
da sua esplêndida preocupação de
tudo e todos. E é apelativa um
pequeno exemplo da sua vasta
erudição e erudição, da sua
prosa inimitável de clássico mo-
derno que ha de ser da litera-
tura nacional quando se classifi-
carem e definirem os grandes
valores das nossas letras.

Ele trabalhava sempre por
amor, por prazer, ou por necessi-
dade. Mas, em verdade não
precisava fazer coisa alguma
aí em de horizontes que abriu a
nossa perspectiva.

Na Academia é quase único e
será único em todo tempo.

Cada capítulo de — Homens

e coisas da Academia é um frag-
mento da nossa história litera-
ria no que ela tem de mais fla-
grante e vivo.

Verdade é que essa vida é mais do que exige do
que nos mais exibidores na
maior parte das casas.

Não sabemos se a Academia
acolherá com agrado a defini-
ção que lhe dão Medeiros:

"O que há aqui não é quarenta
homens de boa vontade que se
assejam com uma preocupação
aventurada de progresso artís-
tico e literário como outros se
assejam para fins utilitários, pa-
ra empresas de comércio e do
indústria. Não ditamos isto, não
pronulgamos dogmas".

E de qualquer modo uma ver-
dade. Mas a Academia ainda
tem os seus rancores ou as suas
inimizades e não tem forças nem
impaciência para as combater,
propõe alianças necessárias e
reconhecendo em público o
valor dos seus intímigos que
tacitamente não deixe de reco-
nhecer.

Medeiros e Albuquerque, o
mais agravel e espirituoso dos
nosso conferencistas, recebeu
algumas das suas confidências de
quem fez o elogio com leve tro-
teira, mas sem excesso. Augusto
de Lima, Alauíno de Paiva,
Fernando Magalhães...

Todos esses discursos admira-
veis de simplicidade e sinceridade
estão entre os melhores, e talvez
os únicos que a Academia on-
tem. O orador sabia ter qual-
idade rara e indispêndivel na
conferência. A atenção à litera-
tura era imperceptível, todos
também a impressão de que a
sua palavra nos vinhos imediatas,
direta com o próprio calor do
pensamento.

Nas suas sessões a sua capa-
cidadade de improvisar no dia-a-dia
ou nas discussões revestia-se

de realidade, erigindo opa-
cidades e negando a si

que se fizer o mais impro-
ável defensor.

Até mesmo nas questões que
parecem óbvias, visões
comuns, Medeiros não se limita
a dizer-las. O que é de pôr em
também seu domínio das
conferências. A atenção à litera-
tura era imperceptível, todos
também a impressão de que a
sua palavra nos vinhos imediatas,
direta com o próprio calor do
pensamento.

Ele que se dizia dizer. O que
fazia na sua...

Continua na pag. 53

Bibliografia de Medeiros e Albuquerque

Este sumariamente aponta os principais livros de Medeiros e Albuquerque:

I — POESIAS:

- *Pecados* — Poesias — 1887-1888.
- *Cânticos da Decadência* — Poesias — (1883-1887).
- *O Remorso* — Poemeta — 1889.
- *Por elas* — (1893-1901) — Ed. D. Carlos — Rio — 1901.
- *Viu* — Poesias — 214 págs. Publicado na "Revista do Brasil" — 1922.
- Quando eu falava de amor — Biografia — Renascença Editora — Rio — 1933.

II — POEMAS EM PROSA

- Poemas sem versos — 175 págs. — Livraria Editora Lote Ribeiro — Rio — 1924.

III — CONTOS

- Um homem prático — 1898.
- Mie Tapauá — 1900.
- Contos Escolhidos — Primeira edição. 1907. 2ª edição aumentada. 386 págs. — Editora Lux — Rio — 1924.
- O assassino de General — 1928.
- O Umbigo de Adão — 1932.
- Segredo conjugal — Em colaboração com Afonso Celso, Afrânio Peixoto, Alexandre De Amare, Augusto de Lima, Fernando Rodrigues, Maurício de Medeiros e Roque Pinto — 235 págs. — Distribuidora: Civilização Brasileira — Rio — 1934.
- Se eu fosse Sherlock Holmes, 1932.
- Surprezas — 225 págs. — Flores & Mano Editoras — Rio — 1934.

IV — ROMANCES:

- Marta — 1920.
- Lávia — 199 págs. — Editora Guanabara — Rio — 1933.
- Mistério tem colaboração com Afrânio Peixoto, Coelho Neto e Vítorio Corrêa — 1921.

V — TEATRO:

- O Escândalo, drama — 1910.
- Teatro meu... e dos outros — 1923.

VI — PRINCIPAIS CONFERENCIAS E DISCURSOS:

- Em voz alta, (conferência literária) — 158 págs. — Com relato do autor. — Tipografia do "Kosmos" — Rio — 1909. 3ª edição aumentada — 287 págs. — Francisco Alves & Cia. — Rio — 1913.
- O silêncio é de ouro (conferência) — 1912.
- Escola Normal — Discursos de Medeiros e Albuquerque, Mamed Bonfim, D. América Xavier, de Serviço Lima — 83 págs. — Tip. do Instituto Profissional — Rio — 1904.

7.1. Duas interrogações anônimas lhes brotaram espontaneamente:

— Você tinha respondido?

— Você não via?

Que tristeza!

Os olhos dos dois encheram-se de lágrimas... Ele tornou-lhe a boca encarquilhada e seca na sua mão também seca, também encurquilhada, e aperiou-a com encanto... Murmurou, sardinhudo e triste:

— Se agora...

— Se agora eu vejo, eu sinto, eu sei que a nossa vida poderia ter sido outra, tão boa, tão lúdica, tão cheia de amor...

Era isto que a sua exclamação queria dizer...

— Se agora... Mas agora era tarde: ele tinha 51 anos, ela 49... Se agora...

Foi, uma manhã de maio luminosa e serena... Quasi meio dia... Borboletas aos pares anavam pelos prados, pelas flores... Tanta luz! Tanto amor! Mas agora de que servia?

O Brasil e a Guerra europeia (conferência).

— Discurso de saudação a Augusto de Lima, na Academia Brasileira ("Discurso Acadêmico", 2.º v.).

Discurso de saudação a Ataílho de Paiva, na Academia Brasileira ("Discurso Acadêmico", 3.º v.).

Discurso de saudação a Fernando de Magalhães na Academia ("Discurso Acadêmico", 4.º v.).

O meu verdadeiro patrono: Tito Lívio de Castro (discurso).

Saudação a George Duane, em nome da Academia Brasileira — (1922).

Saudação a Júlio Dantas, em nome da Academia Brasileira (1922).

Pereira da Silva, Escragnolle Taunay e Luís Guimarães Junior (Prêmio retrospectivo literário pronunciado na Academia Brasileira) (1901).

Pontoura Xavier (discurso) (1922).

O ano literário de 1922 na Academia Brasileira (discurso).

VII — ENSAIOS, ESTUDOS, ETC.

Pontos de vista (ensaios) — 1913.

Graves e Futeis — 201 págs. — Livraria Editora Leite Lobo — Rio — 1922.

A obra de Júlio Dantas — Precedido de um discurso de Afrânio Peixoto e seguido de outro de Júlio Dantas.

Literatura alheia — 269 páginas — Livraria Francisco Alves — Rio — 1914.

Páginas de Crítica — 1929.

Homem e Coisas da Academia — 331 págs. — Renascença Editora — Rio — 1934.

VIII — VIAGENS:

Por alheias terras... — 251 págs. — Editora Americana — Rio — 1931.

IX — MEMÓRIAS:

Minha Vida — Da Infância à Mocidade — Memórias 1867-1935 — (19 volumes) 338 páginas — 3ª edição — Calvino Filho — Rio — 1933.

Minha vida — Da Mocidade à Velhice — Memórias 1891-1934 (2.º volume) — 351 páginas — Calvino Filho Editora — 1934.

Quando eu era vivo... Memórias 1867 a 1934 — Edição póstuma e definitiva — 356 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1942.

X — PENSAMENTOS:

Pensamentos de Medeiros e Albuquerque, Coligidos por Maurício de Medeiros — 333 págs. — Calvino Filho Editora — Rio.

XI — POLEMICAS:

Polemicas. Coligidas e anotadas por Paulo de Medeiros e Albuquerque. — 259 págs. — Pongetti — Rio — 1941.

XII — POLÍTICA:

O Regime presidencial no Brasil — 1914.

Parlamentarismo e Presidencialismo, 1932.

XIII — CIÉNCIA:

Testes. — Introdução ao estudo dos meios científicos de medir a inteligência e a instrução dos alunos — 1924.

O Hipnotismo — 1920 — 2.ª edição. Com prefácios de Miguel Couto e Juliano Moreira.

Os que podem casar-se — 1929.

Sobre os casos de synapsis prematuro — par des millions de sujeitos (Tratado à parte do

"Journal de Psychologie Normale et Pathologique".

XIV — EDIÇÕES QUE DIRIGIU

Poe las Comptes de Pedro II — Com um prefácio de Medeiros e Albuquerque, 153 págs. — Editora Guanabara — Rio — 1932.

Medeiros e Albuquerque, como diretor, redator ou colaborador, trabalhou nos seguintes jornais (entre muitos outros):

— O Clarim.

— O Fígaro.

— Novidades.

— Correio do Povo.

— O Tempo.

— A Notícias.

— Ilustração Brasileira.

— Correio da Manhã.

— Gazeta de Notícias.

— Revista da Semana.

— O País.

— O Estado de São Paulo.

— O Jornal da Cúrcio.

— O Jornal do Brasil.

— A Noite.

— A Gazeta de São Paulo.

— La Nación (de Buenos Aires).

— Semana Médica (de Buenos Aires).

— Arquivos de Medicina (do Rio).

— Fígaro (de Paris).

— Le Temps (de Paris).

— Journal de Psychologie Normale et Pathologique (de Paris).

— La Revue (de Paris).

— Revista da Academia Brasileira de Letras.

— Mundo Literário (Rio).

NATUREZA E MENTIRA

A Natureza é mentirosa. Todos conhecem os fatos que os naturalistas chiamam de mimetismo: os animais que tomam o aspecto, ora de certos animais, que tem mais força do que eles, ora de plantas, de pedras, de coisas inanimadas. Não há quem não tenha visto no menor uma dessas borboletas, que, pousadas, simulam completamente folhas secas. A possibilidade de camaleão adotar a cor do fundo em que vive, confundindo-se com ele, faz que passe a ser o símbolo dos que passam a ser o símbolo dos que mudam facilmente de opinião... — Medeiros e Albuquerque — "O Silêncio é de Ouro" — pag. 360.

Quando era vivo... Memórias 1867 a 1934 — Edição póstuma e definitiva — 356 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1942.

Um retrato de Medeiros e Albuquerque

(Continuação da pág. 33)

comum é para ele o critério decisivo nas questões de linguagem, pelo menos é o que deve aconselhar-se contra a temba por vezca impertinente e pedante. Essas colas como dízia Cínero sunt ut disputante; mas convém acrescentar que é muito difícil levá-las a parede, tal a transparência e a argumentação do escritor quando lhe dá a vontade de ser filólogo.

Esse talento de rara cultura de compreender e de saber o verdadeiro caminho é nele quase um tino divinatório que naturalmente resulta da sua inteligência culta, culta e compícua como do verdadeiro homem de ciência.

Sem dúvida é possível fazer alguma restrição nos métodos de Medeiros e Albuquerque. Por vezes a sua lógica é a do sofista quando a todo transe quer defender uma causa ou um ponto de vista; entretanto, a sua arte de discutir é consumada que só a contra virá-lhe é que se pode discordar do seu parecer.

Na Academia, como por toda a parte, os seus triunfos são inúmeros; não há contestá-los ou diminuí-los.

E pode a seu respeito, dizer-se: Concordo — ali com o contrário. Tal é a formidável bataria dos seus argumentos.

(Jornal do Brasil — 5-3-1944)

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, HOMEM DE PENSAMENTO

Maurício de Medeiros

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Qué não era homem de trama. Em seus livros há conceitos profundamente revolucionários, idéias gerais surpreendentes, conídos tão suavemente, em palavras tão simples, que o leitor quase não as percebe. Passa por elas com a mesma rapidez com que Medeiros o levava ao fim de seus temas. Nem talvez o próprio autor, cuja lucidez de esforço parece d'correr facil e mecânica do simples contacto da pena com o papel, tivesse notado o que havia de curioso, de original, de belo e, muitas vezes, revolucionário nessas frases sutis. Elas se punha em seus escritos como súplices elos de passagem, numa corrente de pensamentos encadeados a um determinado fim. Em nenhum de seus textos sente-se que ele se tenha preocupado com essas afirmações coetâneas. Comina-o sempre uma tese, um tema, uma demonstração. Seu espírito lógico só veio a conjugar. E de vez, numa sequência de argumentos, encadeando o litorir irsistivamente à sua conclusão. O que o preocupa é esse encadeamento, é essa força irresistível da Verdade, tal como ele a quer apresentar. Argumentos, razões, argumentos, argumentos. E só os vê a estes. Prende-os uns a outros por uma ordem de deduções. E só o preocupa essa ordem.

Mas seus pensamentos não se dão a tão simples encadeação. Prende-o uns a outros, só se espalha, como um compositor musical, que pusesse acordes indissociáveis, de amplas ligação, entre as frases musicais que formam a linha geral de uma melodia.

O compositor não os nota. O ouvinte, preso na melodia, tampouco. Mas quando um dia se detém a analisar e pormenorizar harmonicamente de um trecho musical, sente a beleza desse elo admirável, que lhe tinham passado despercebidos.

Assim, na observação meditada da dos melhores livros que Medeiros escreveu, ful encontrando admiraíveis destinos, conceitos, pensamentos, idéias gerais semelhantes, desequilibrados, talvez, ao correr de sua pena.

(Título do prefácio dos Pensamentos de Medeiros e Albuquerque).



Uma pequena blasfêmia...

O homem rico, cumulado de todos os bens, que tratando conigo as melhores rituais passava junto a um jardim com flores, desejando com a maior fome, não o maltratava. Ninguém há no mundo, mais rico de todos os bens, que o deus dos relíquias. Ninguém que pudesse mais facilmente fazer a felicidade de todos. Ninguém que como ele pudesse dar muito, dor lida, dor sempre, sem jamais se empobrecer.

Esse seu mitológico e cruel caráter, se existisse, o mais impiedoso dos aparentes. — Medeiros e Albuquerque — "Poemas sem Versos" — pag. 111.



Retrato da mocidade de Medeiros e Albuquerque

Evocação de Medeiros e Albuquerque

trecho do discurso de saudação ao o Miguel Osório de Andrade na Academia Brasileira:

ROQUETE PINTO

Medeiros e Albuquerque que nasceu no Rio de Janeiro em 4 de setembro de 1867. Faz 76 anos estudei no Brasil e em Portugal, passando a vida cultiva e científica mas conteve a sete levedade em quietude.

No tempo de morro, os rapazes faziam excesso de teatro e os muito longe davam fôlego à literatura natural. Hoy Barroso a que o recordava, traçou-nos os Liques de Calkan, em que sua boca negra, o galo a elementar. Faria formar a cobiça, literaria e cívica.

Medeiros, porém, era dono de um instrumento e teor de alto paralelo agudidade, concretando a tese de definição de Agripino Góes. Faziam as varas o eterno avançar. Para ele o melhor é o que é, é mais pensamento no menor número de palavras.

A concordar e a clareza certamente em que escrita deixava de mudar e perder o que o levava a ser de fato, um apurado e profundo, de ciência. Difícil! Sim, porque a sua terra não lhe pode oferecer ambiente mais propício. Se mal responde e tivera mais calma, evidentemente poderia ter fôlego no terreno da pesquisa tanto quanto outros. Houve, porém, dominante, um fator de inquietação que o levou ao jornalismo, no seu conceito "a mais perfeita e a mais completa das belas artes... arte da vida moderna". Houve também, espurismo intelectual, muito daquela deliciosa radiação do espírito, encantado da existência e das esperas, dos pessimistas. Qual de nos dois, senhor Miguel Osório, terá autoridade bastante para erguer a primeira pedra? A biblioteca de Medeiros, sua variedade dos assuntos, era uma livraria. Ao lado das grandes composições de todos os literatos, tratados de biologia e sobre todo de psicologia experimental, livros de magia, de anedotas, de arte e de esoterismo, de religião e de engenharia. Medeiros viajou, visitando curiosidades. Certo vez, na sua casa hospitalaria trouxe a naveia uma ruiva quadrangular, tendo numa das faces diversos mostradores sobrepostos. Algumas piquetas macacinetas giravam, cada qual comandando um dos mostradores. Era uma nova máquina de

Em dois discursos proferidos perante a Academia Brasileira, eu fiz a mesma questão da questão que da título a este artigo. Aqui, por uma última vez, reunindo os dois trabalhos, quero apresentar novamente o meu modo de pensar a tal respeito. Ele servirá, até certo ponto, de complemento a dois discursos abertos pela Academia Brasileira.

A poesia, como uma arte autônoma, consistindo em expressão de sentimentos debaixo da forma metrificada, viverá indeterminadamente. Estará pelo menos no caso de outras artes, que um "inimigo" pode raramente prever? — Creio que não.

Sem o que se procura saber qual será o destino de qualquer instituição, o que primeiro se impõe é o estudo de sua origem e evolução. Saber de onde sua forma provém, como cresceu, como evoluiu, tem-se uma capacidade curva, que se pode representar mais ou menos graficamente e que permitiria então melhor avaliar como seguirá o resto do seu trajeto.

Se a curva verificar que todos os pontos de uma extensa curva estão distribuídos em torno de um ponto central, de que se acha rigorosamente equidistantes, não precisa grande capacidade divinatória para completar idealmente aquela curva; ela deve ser um círculo. Não pode mesmo ser outra coisa. Se porem a parte conhecida da curva tiver certas características da hiperbola, da parábola, nenhum geométrico se enganará.

Não vale a pena, nesse a propósito da Poesia, fazer poesia — nem falar coisas bóticas, direcio que ela é um instinto natural de recriação humana e que não pode esplirir. Que se trate embora de mais sublime das artes ou da mais prosaica das instituições, o método para a evolução do problema deve ser o mesmo: saber como nasceu, saber como se desenvolveu... Procurar então tirar daí as conclusões necessárias. Antes de filo olhar, é preciso reunir fatos. Sem isso não ha raciocínio sólido.

E muito provável vir todas as artes: música, pintura, religião — teriam nascido da religião. Foi com os primeiros religiosos que os homens primitivos cantaram, dançaram, desenham. Se o nome de religião não couber bem a essas formas inferiores de magia não lhes poderá ser renunciado. Dançar, cantando o bulha o que se pretendia apanhar, era para o P. Veríssima, a sua cerimônia de magia iniciativa, encenava uma cascada não importava uma distração desinteressada era um meio de contergir o animal, que se desejava matar, a que se deixasse atingir.

Assim, a arte primitiva aparece como uma série de cerimônias essencialmente práticas. Deixando, porém, a questão "é fim e atendendo apenas a forma, o que logo se nota é que não se encontra a poesia como uma arte distinta. Isto a música vocal e a música instrumental. Nos povos mais atrasados não há poesia, que não seja canção. A ideia de versos, para serem simplesmente recitados ou ditos não existe. O que se pode considerar origem da futura poesia é qualquer coisa que se canta. En que ela se distingue das outras coisas, qu" também se podem dizer correntemente? A poesia primitiva, cantada, consiste unicamente em pequenas frases, que se repetem. Que se repetem monotonamente, infelizmente.

Grosse, no seu belo livro sobre os inícios da Arte escreve: "As canções pelas quais os povos primitivos dizem as suas ale-

ranjos e combinações de pessoas, ofícios, acontecimentos. Coisas da América do Norte. Medeiros conheceu o engenho no fim da vida, quando toda a sua obra admirável na literatura, na ciência e no jornalismo estava realizada. Com a diabolica e sempre alerta curiosidade, talvez tivesse algum dia desejado passar, crimes ou desastres para os personagens, querido experimentar as intenções da justiça ou da religião... Sugestões para ar-

ganhar e as suas máquinas não são, em regra geral, muito frágeis, expressas sob uma forma estética, singela; a repetição é ardente ritmica".

Assim, um selvagem estaria fazendo excelente poesia, quando estiver cantando um número indeterminado de versos: "O chefe não tem medo! O chefe não tem medo!..." ou ainda: "A carne é boa... A carne é boa..."

Mais tarde, a monotonia desaparece um pouco. A poesia continua sempre a ser cantada; mas já não é uma repetição de tutto. Os cantores dizem o que querem, cortando, porém, a narrativa ou invocação com um estribilho; o estribilho é uma frase, que se repete, que volta sempre a mesma. O estribilho é, se assim se pode dizer, a atração da antiga repetição integral.

Grosse cita diversos exemplos. Nos os temos excelente na nossa poesia popular, onde — no Norte — os estribilhos chegam até a ser na língua dos selvagens de nosso país, exercitava na poesia portuguesa.

Vamos dar a despedida
Mandu sarava...
Como deu o passarinho
Mandu sarava...

Ali há a justaposição das duas formas: o verso português e o estribilho Tupi, que é geralmente cantado, nem que haja saiba, nem indague o que ele quer dizer. O que faz o tupi é essa poesia é tão só e unicamente a volta daquela frase nonsense. Há outros estribilhos desse gênero, em português: "Redonda, Sônia", "E bumba, meu boi", etc. Mas no português, não é uma reminiscência, uma "sobrevivência" de formas abertas, mas quando toda a poesia era constituída pelo canto de muitas frases, que la fazendo uma narração ou invocação, enquanto canta, de espaço a espaço, cantavam uma frase, sempre a mesma.

E' curioso notar que a forma de canto, em que nascem as suas sobrevenções do passado, está, sobretudo, na literatura de diferentes religiões: as hadiñas.

Um passo adiante: já não se repete nenhuma frase, mas o ouvido, mais educado, já percebe a quantidade das silabas.

O poeta, nesse grau da sua evolução, já procura, se pode dizer, ser mestre, por si mesmo; já quer basta-se. O que é uma medida das silabas. Não se repete toda a frase, não se repete uma frase de espaço a espaço; mas repete-se o mesmo número de silabas, com a acentuação iônica no mesmo lugar e na maioria dos casos admite-se a rima, que é a repetição de som no final dos versos.

Os mestres, que eram dantes mais presados, eram exatamente os que matavam, os que escandiam mais fortemente as divisões do verso. Nos povos atrasados, onde já apareceram os cantados, essa afirmação é incontestável. Mas nem é mesmo preciso dizer isto, quando nós vemos, no passado, admiravelmente uma evolução idêntica, no direito do sacerdote e no nosso, melhor talvez do que em outras literaturas.

Dantes as formas extraordinariamente primitivas, os versos de mero e onse silabas, eram muito apreciados:

O' guerreiros da tribo sagrada,
o' guerreiros da tribo tupi
falam deuses nos cantos do plaka,
o' guerreiros, meu cantos ouvi...

prolários, há um diabo
o Príncipe Vermelho no
ter aprendido muito na
antissíntese biblioteca de
ros, porque os livros estavam
sempre nas mãos do príncipe
e senhor, que não lhes
trégua nem desceram.

A graça natural, o humor
a erudição de boa e
davam as conferências de
deiros um encanto
Talvez sejam elas o motivo
da produtividade, nascendo de
uma visão social, porque
o gênero das mais eficazes
vulgações da circulação da
literatura. Trabalhos
e serviço que mais
praticado da posterioridade
e posto ao lado de Júlio
Belo mesmo, no visar
Miguel Osório, visto que
vossa bibliografia não é
também muito de que dizer
em matéria de ensino
que se há feito por
nos seus trabalhos.

Medeiros mais provava
de psicologia teórica e
cada.

Não é a ocasião propria
discutir se elas tinha razão
segurança, e sem essa
elogio, pode dizer-se que
muito conseguia socializar
os cultimânticos da
dificuldade da sua profecia
passagem querer estar o
para difundir os dons
Jesu, a piedade e outras
que deixar o no
cimento os seus estudos
notícias, que atentou
proficiou, e o seu ade
pequeno trabalho, do
nem dos artigos que

A POESIA DE



Em 8 de setembro de 1910, embarcou Medeiros e Albuquerque para a Europa. A fotografia é um aeroporto de seu embarque, e foi publicada na Ilustração Brasileira, de onde o escritor era colaborador. Ilustração Brasileira, 16 de setembro de 1910.

(Continua na pág.

ALBUQUERQUE - João do Rio

é por uma nacionalidade e atingimos ao grau da cultura presente, o mundo, um torno de nos, teria também caminhado e nos embora o façamos em português, exprimemos apenas sentimentos análogos aos de todos os intelectuais civilizados daqui, da França, do Japão... de toda a terra.

Resta a sua última pergunta: a influência do jornalismo.

Ha, é certo, muita gente que lhe queria mal e dele diga horrores. Ha um pequeno número de prevenções razoáveis. E ha, sobretudo, os ralés e os jocáis que produzindo com largas interverbas, pequenas coisas chocantes, fazem de si mestres, uma alia idéia, atribuindo a rancidez da produção a sua personalidade. E como o jornalismo não se compadece com esse romance de reclusão intelectual, vê e pitaca.

Quanto a mim, nunca me lembrei de elogiar os méritos de um cidadão, sujeito a constipação crônica. Guardo o mesmo critério para recusar elogios aos cérebros, também "estuprados", que se excretam numa coisa com raras intervebas e violentas temes...

Em um modo geral a prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos taboleiros, dos escultores pelos marmortas...

Sempre que uma província usa das recursos de qualquer arte para fins industriais, os entores da arte se indignam e descrevem sistematicamente os profissionais, que assim se põem na sua vizinhança. Quanto mais o emprego dos meios é o mesmo e há, portanto, perigo de serem as vezes confundidos, mais também os artistas ostentam o seu desprezo e procuram cavar um fôco profundo entre os dois domínios. Mas em uma taboleta se podem pintar flores tão bonitas e tão artificiais como em uma tela destinada à moldura no mais rico dos museus. Haja lá cartazes melhores que muitas telas celebres. O marmorista faz as vezes estâtuas que animam os escultores que invejam.

Com o jornalismo sucede o mesmo. Como os jornalistas têm de ser prevaricadores, os artistas da palavra escrita, achando que eles a empregam para fins de imediata utilidade, procuram desdenhá-los. Demais, no auge da vida moderna, que nem a todos da tempo para as lentes mediáticas, o jornal se fez um concorrente tenível do livro. Dão o clame, a inveja.

Mas os livros bons sobrevivem, apesar de tudo. Os que nascem que não produzem emulções primas, porque estão juntando trabalhos de impressão, se dispuserem de todo o tempo, precisamente de todo o tempo e não tivessem a condição de trabalhar, talvez não produzissem nada nem na literatura nem na literatura...

É certo, entretanto, que a necessidade de ganhar a vida em moldes subalternos de imprensa, sobretudo o que se chama "a xinha" dos jornais: fabricação rápida de notícias vulgares, notícias que tornam muito tempo, pode impedir que homens de certo valor deixem obras de mérito. Mas isso lhes autoriza a adotarem qualquer outro emprego na administração, no comércio, na indústria... O mal não é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livre para a medição e a produção.

O jornalismo comporta para os que nela trabalham com certo humor uma grande dose de arte.

Que é o essencial em uma obra artística? Dar satisfações. Pux bem: é um prazer superior prover uma doutrina, sustentar uma opinião e lhe seguir, difundir-se, infiltrar-se no espírito público, através de mil obstaras, comovendo as multi-

dões, abalando-as, dando-lhes entusiasmo, ele graçava com um ideal e forçando-as a agirem de acordo com ele.

Para isso não se pede talvez a perfeição da forma. Pede-se, porém, a clareza dos conselhos, a apropriação das oportunidades, a repetição. Um poeta se dá por suficientemente pago do seu trabalho se esgotaram uma edição de mil exemplares dos seus versos e acharam magnífico um dos seus sonetos. E isto. Mas porque, um jornalista que defendeu um indivíduo acusado por todos, que sustentou uma doutrina rejeitada, não há de ter uma grande e legítima empatia quando vê que a sua defesa mudou as acusações ou em perda ou em aplauso ou quando sente que a doutrina outra rejeitada, valendo entusiasmo, abrindo caminhos? E de tão bonita como o soneto do nosso poeta. Não de nenhuma, porém tão digna de respeito como a dele.

Mas o jornalismo muitas vezes não se faz por convicção e sim por negócio.

E verdade. Mas há poemas friamente rimados por indivíduos que não vibraram absolutamente nada na fazê-los e entretanto, comovem, emocionam. Assim como se pode fazer poesia boa, por acaso, sem sentimento, também se pode fazer jornalismo num mesmoas circunstâncias. Ou jornalismo ou qualquer outra coisa. Talma, que foi aclamado como um ator perfeito, não sentia nas cenas mistérios, o mínimo abalo. E quanto a platéia delirava de

entusiasmo, ele graçava com os outros atores.

— Mas os recursos do jornalismo são gregários.

— Não vejo bem porque. São diferentes dos do romance ou do conto, mas viam o mesmo fim: usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações. Quanto a mim, eu comproendo que se possa fazer com todo humor certas propagandas de ideias elevadas, incluindo hoje um argumento no meio de uma simples noticia, amarrado no comentário de um telegrama, depois num folheto, depois num artigo solene... E é com uma verdadeira empatia que, mais tarde, se encontra aquele argumento que apareceu anônimo, perdido em duas linhas de notícias, repetido aqui e acolá, fazendo o seu caminho... Por que razão há nisso menos arte do que em amassar meia dúzia de substâncias coloridas, bordar uma tela, e dar assim a impressão de uma paisagem, uma cena qualquer? Com aquelas linhas semeadas aqui e aí, o jornalista criou em muitos militares os cérebros futura, constituida de outro modo, com uma vida diversa da atual. Pois essa obra de criação e emoção não é artística?

Ninguém a devia negar!

Não é verdade que o jornalismo prejudique em nada a nossa literatura. O que a prejudica é a falta de instrução. Bem público que leia, a vida literária é impossível. O jornal faz até a



Medeiros e Albuquerque, em tempo de primeira confrangência europeia

preparação desse público. Habituou alguns milhares de pessoas a uma leitura quotidiana de algumas minutos, dando-lhes amostras de todos os gêneros. Os que leem ponto e tempo esquecem por si e passam para os livros. Mas o jornal é o iniciador. Em nenhum país de grande literatura deixa de haver grandeza de jornalismo. Sem esse auxílio é impossível. Os que atacam a imprensa o que deviam fazer era atacar a falta de instrução. E parece que a respondem mais que muito, de sobra..."

AD SODALES -- U. do A. (Carlos de Laet?)

IV

Exerente concidadão Medeiros de Albuquerque — Eu conheço a V. Ex. desde os tempos oníricos da monarquia, quando V. Ex. foi professor adjunto da escola primária e, por uma razão que nunca bem percebi, exerceu as suas funções como amanuense extra-numerário da secretaria do império.

AI V. Ex. era o terror dos chefes, que porfriavam em refusar as inovações da ortografia fonética. Um houve que, por ciúmo, de insolência, ofereceu a V. Ex. um jogo de dicionários Fonseca e Roquette, o qual V. Ex. deve cuidadosamente guardar como recordação dessa quadra opressora.

Lazereiros devem afanhar trabalho anti-ortográfico V. Ex. os empregava em compor versos formidáveis, em que punha raras as instituições. Uma dessas versalhadas seu interessante folheto. Era uma diatribé contra a ex-Princesa Imperial e por si-mal que tinha um alexandrino que dizia assim:

"Maldita seja tua futura imperatriz!"

V. Ex. não foi demolido! O império tinha desse ferocidade. Sorria e perdoava. Foi esse o seu erro. A república bem o tem corrigido. Não há como a rigor para captar simpatias e adesões nos povos decadentes. "Antes temido do que amado" — muito bem disse o nosso venerando Glycerio.

A pertinacia de V. Ex. em cobrir de baldões a herdeira do trono, cujo crime único era ter assistido a uma batalha de flor, como a que outro dia se realizou em Petrópolis e tanto fez babarem-se de gosto os maiores acerbos democráticos. — A pertinacia de V. Ex. digo, em injuriar a Princesa e teimar na ortografia ultra-tonetica, certamente era digna de ser recompensada e, como efeito, não tardou a prêmio de tão levantados serviços.

Quando rompeu a revolução era V. Ex. o inseparável amigo de um ilustre morto, de dulcissima memória. Ele sobre o campo de combate (que não se travara graças ao patriotismo de Flóriano) foi promovido a ministro do interior; e V. Ex. de amanuense supra-numerário ascendeu a diretor ou sub-ministro.

Foi uma verdadeira cena de peça mágica a entrada de V. Ex. na secretaria cujos hierárquicos o tinham oprimido, e que por sua vez aprenderam a reconhecer o saber e a excentricidade do novo chefe!

Desse lajeilas muitos foram aposentados e substituídos por gente de confiança. Outros submeteram-se. V. Ex. triunfava em todas as linhas.

Para ambolicamente designar a sua feição política, teve V. Ex. uma idéia genial. Mandou fazer uma sobrecasca monumental, como a do nosso Nilo Pecanha, mas com a goia e as guardas de sopa carmesim. Os sebastiãoletas, tremulós, quase desmaiaram vendo aquilo. Mas ruas por onde V. Ex. passava havia gritos de sinope e cabegas arrepiadas... Mas, infelizmente, não vingou a soberba idéia. O finado Aristides impôs com ria: não quis que V. Ex. funcionasse assim vestido, e forçoso foi que V. Ex. trocasse com a do portoiro a sua estupenda vestidura.

Pouco a pouco, porém, iam-se complicando as coisas com a administração de V. Ex. Não se tornava nota de coisas alguma. Um bilhete equivalia a uma ordem de pagamento. V. Ex. era o homem que tinha, injuriado a Princesa e composto a letra para o himno da república — uma das boas poesias modernas... Não havia resistir-lhe... Mas no fim ninguém se entendeu mais a respeito de contas na secretaria.

Essa história, muito triste, meio alegra, já foi contada pelo sr. Cesário Alvim, não achou meio de render as versões do orçamento. Homem de cifra, o novo ministro não podia compre-

ender as ilusões poéticas de V. Ex., que teve de abandonar a secretaria.

Vice-diretor do internato do Ginásio Nacional, professor de química, de estética e de mitologia — tudo isto foi depois de V. Ex. náde que, graças a sua popularidade em Pernambuco, obteve a cadeira donde espazou luz na Câmara dos Deputados.

A condecoração identificou a V. Ex. só lheitava um título — o de doutor pela faculdade em que se formou Antônio A. J. da Cunha. Mas a isto opõe-se o sebastiãoismo do sr. Frâncio Carvalho, que em questão (parece incrível) de certidões de preparatórios. Em vão alegam V. Ex. as habilidades presupostas pelo seu cargo de diretor de secretaria... Frâncio Carvalho foi inexorável, e por causa de tal ministria, faltou V. Ex. à glória daquela faculdade.

A que virá, porém, dirá V. Ex., esta sumária recordação de meus feitos?

Simplesmente... Exmo. Sr., para agradecer a lição que nos manda de dar no tocante a percepção de ajudas.

A "Gazeta de Notícias", por motivos puramente pessoais, critica o fato; mas, pairando no terreno superior dos princípios, eu não acho apenas veio mais um simbolismo de V. Ex.

Para que se dita ajuda? para ir e vir — dizia a letra da lei nos vergonhosos tempos. Ir e vir era necessário na quadra do carriamento. Mas V. Ex. vem sem ter que, ou antes vai e vem sem sair do mesmo lugar. Não pode haver maior ciência!

A mais famosa rapidez no vencer até agora tinha sido a de Cesár: "Veni, vidi, vici"; cheguei, vi, vencí. Com V. Ex. Cesár ficou distanciado: para vencer V. Ex. nem precisa de ir, quanto mais de vir...

Quando um homem, por processos tão portentosamente expeditos, se impõe à admiração pública, ele já não é de si, nem de ar. Glycerio, nem de jacobinismo, ele se torna propriedade nacional e qualquer, por mais obscura que seja a sua posição, tem o direito de interpela-lo e endereçar-lhe pedidos no tocante a sua causa pública.

Assim é a V. Ex. pediria que também laborasse na restauração das finanças, em que tanto se empenha o venetando "leader" da Câmara.

Por excesso de modestia o ilustre general paulista declinou da honra que lhe metia a cara o sr. Belizardo de Souza; e, na pagina tremenda que se vai travar contra o "defilé", Glycerio se reserva o papel de espectador simpático... Pois bem, Ex. Sr., a V. Ex. compete, de direito, o posto de honra em tal combate. Fortalecido bem como outros distintos companheiros da Câmara pelas ajudas de Ida e Vinda, Imaginaria, V. Ex. deve cortar largo e fundo nos abusos orçamentários.

Se lhe parecer que o funcionalismo está repleto de ouropel, reduza logo os vencimentos, deixando bem explicado que não poderá perceber ajudas de natureza alguma.

Os impostos Serzedelo-Oiticica ainda não são, talvez, bem pesados. Aumente-os V. Ex., com ou sem ajuda do sr. Glycerio. E preciso que o povo saiba quanto custa a verdadeira demarcação.

No subdito, porém, mal procederá V. Ex. se fizer alteração que não seja crescerem. E bem se pode realizar em melhoramentos aperfeiçoando o sistema das ajudas.

Tal é, Exmo. Sr., o pedido que me atrevo a dirigir-lhe: e assim não cala ali em esquecimento como as letras do himno, que nunca se cantam, a casaca de goia vermelha, que V. Ex. nunca vestiu, e os escravos da monarquia, de que felizmente estamos livres!

("Liberdade" de 23-5-1896).

